

FICHA PÓSTUMA DUM HERÓI SEM HISTÓRIA

POR JOSÉ CARDOSO PIRES

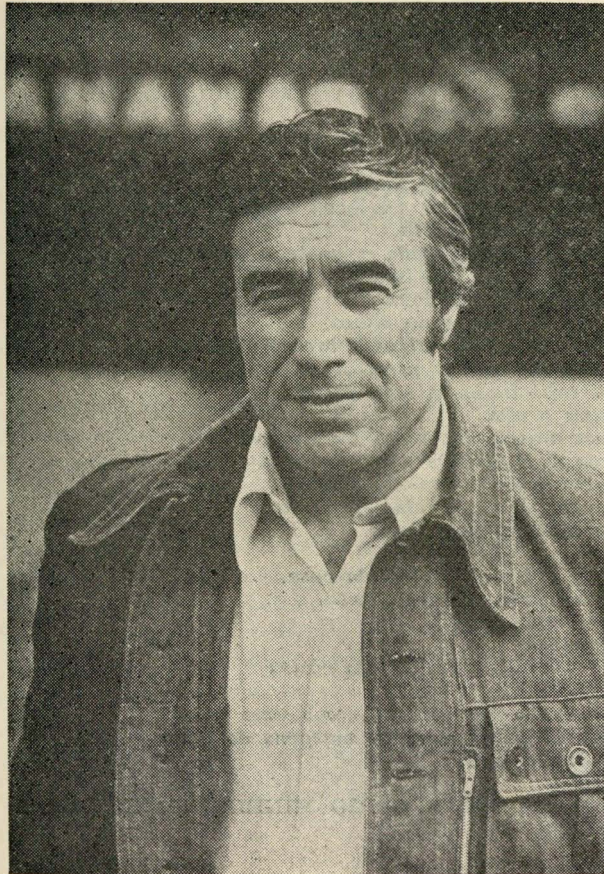
Nasceu em Peso (Vila de Rei), em 1925.

Vive em Lisboa.

Fez parte da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e da delegação da Comunidade Europeia degli Scrittori.

Fundou a revista *Almanaque* e tem dado colaboração a diversos jornais e revistas.

Durante cerca de 2 anos, ensinou em Inglaterra, a convite de uma Universidade local.



Publicou:

- Os Caminheiros e Outros Contos, 1949
- Histórias de Amor, 1952
- O Anjo Ancorado, 1958
- Cartilha do Marialva, 1960 (ensaio)
- O Rénder dos Heróis, 1960 (teatro)
- O Hóspede de Job, 1963 (Prémio Camilo Castelo Branco)
- Jogos de Azar, 1963
- O Delfim, 1968
- Dinossauro Excelentíssimo, 1973

O *Delfim* encontra-se hoje editado em vários países.

Rer ler um livro sete anos — tanto tempo! — depois de o ter redigido pela última vez doi e faz pensar; traz também vivências, alegrias.

Só que o acto de escrever é, já foi, em si mesmo uma leitura anterior a todas, uma leitura solitária. Daí que cada romancista se possa definir pelo tipo de «leitor ideal» com quem vai dialogando enquanto faz a escrita do que conta. Está nisso todo um jogo de desdobramentos críticos e não uma simples acção de empatia; uma recusa contínua a identificações com os personagens de modo que as suas vozes interiores e a do autor se realizem em paralelo e vão à vida, ao mundo.

Mas no meu caso, e falando do *Delfim*, onde está ele, o leitor ideal com quem fui discutindo linha a linha a sa-

ga desta nossa Gafeira de nove milhões de almas?

Talvez o escritor-furão, o personagem «Narrador» que se passeia, capítulo sim, capítulo não, durante todo o livro. Talvez esse, admito. De certa maneira ele foi o impossível companheiro com quem percorri o espaço da escrita à procura do traço certo, nem demasiado fino para que não se esvaia, nem demasiado grosso para que não descambe na caricatura — mas a partir daí respeitinho e ponto final. Arvorar-se em *alter ego* do seu benévolo inventor já seria pisar o risco do desplante e como pretensiosismo não se arranjaria saída mais desastrada.

É certo que o dito Narrador, sempre que pode, se insinua no Autor do romance e sugere culplicidades com o ar de quem não quer a coisa. Deixá-lo. O melhor é

encolher os ombros: trata-se de um artifício — muito à vista, de resto — para afastar o leitor de uma comunhão sentimental com a leitura ao nível naturalista, procurando, em contrapartida, aliciá-lo a um plano mais crítico, que é o da redacção como acção. E se mais adiante (cap. XV) ambos, Autor e Narrador, se identificam numa nota de pé-de-página o objectivo é o mesmo: arrancar o leitor para fora da mancha do texto, colocá-lo numa perspectiva crítica.

[Hoje, tanto quanto o posso ver, este protagonista deve-me ter aparecido algures num bar, não na Gafeira (o *Americano* do Cais do Sodré por exemplo). Solitário — é assim que o vejo e, pelo que lhe ouvi no *Delfim*, a desfolhar o último número do *El Ruedo*. (Sem dúvida, o *Americano* seria o local a condizer. E a meio da manhã, à hora litúrgica em que só há clientes de pé como bons *morning drinkers*, e a casa com o estimulante cheiro a limão que têm os bares quando começam o dia... Está dito: conheci-o ali.)

Andará pela minha idade — coincidência suspeita —

mas pelo humor desencantado com que se comporta no romance não será tipo de muitas palavras nem de convívio pronto como eu, antes só olhos e ouvidos — e para dentro. Algumas referências do *Delfim* permitem-me situar este exemplar como copywriter numa agência de publicidade e, se assim for, Hans Magnum Ezensberger (por ele citado, de resto) Marcuse e McLuhan, Edgar Morin, Wright Mills e Jack Newfield, certos números de *Communications*, o Barthes de «La (e à la) Mode» e a *Erotika Classica* farão parte da sua bagagem. Acrescentem-se os magazines — os magazines são indispensáveis: *Ramparts*, *Playboy*, *Le Nouvel Observateur*, *The Partisan Review*, *Triunfo*, e muito provavelmente o *Realist*. Chega.

Escritor-furão, chamei-lhe eu por analogia com a caça, o denominador simbólico do universo dos *Palme Bravo*. Mas escritor que se adia, como tudo leva a crer. Em tempos teria publicado duas inteligentes colectâneas de poemas (demasiado fabricados ou de excessivo bom gosto, na minha opinião) e a seguir

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

José Cardoso Pires

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

alguns ensaios sobre cinema. Documentadíssimos, como é seu vício; trabalhados numa linguagem anti-acadêmica entre a expressão coloquial de Pessoa e o vocabulário tecnocrático. Mais recentemente teria colaborado em suplementos vários (sobre jazz, sobre informação?) e a partir daí?

A partir daí declara-se o eclipse provocado pela sombra duma profissão corrosiva (e ele «bem sabe,» vem no *Delfim*, «quanto sofrem os criadores de frases para consumo dos mercados»). Imaginação à hora, vender ideias de felicidade corrente, é o seu ofício. Compensa-se um tanto no whisky, no Johnnie Walker/jaè walker/lone-ly walker, em bons livros, caça e conforto electrónico, repetindo com lucidez, mas repetindo, a imagem do homem que ele desencantadamente ajuda a construir em slogans de prosperidade para uso externo. Profissão, o seu remorso. O seu fatalismo consciente. Por isso a preocupação de tudo anotar à espera da oportunidade de reviver o escritor enquistado que há nele; e o vício dos ficheiros e das planificações, toda essa ânsia de acumular e de arrumar elementos informativos que domina os produtores da comunicação e que de algum modo lhe serve para iludir o escritor que se adia.]

Também aqui divergimos, eu e ele. Pessoalmente, causam-me náuseas os romancistas para quem a existência quotidiana é uma documentação com vistas à literatura, do mesmo modo que me fazem espécie todos os romancistas que percorrem a vida de bloco-notas na mão, em-

bora saiba que os há assim e bons. Durante anos procurei imitá-los mas acabei por compreender que a memória das coisas, dos seres e dos cheiros é um inestimável seleccionador. Em contrapartida, a excessiva documentação, os amontoados de expressões, imagens ou achados que se estendem sobre a mesa de trabalho constroem a narrativa, obcecando-a com o aproveitamento dessas notas.

Pensando, portanto como penso, nunca os cadernos do meu escritor-furão me poderiam pertencer. Lógico. Anexins, sentenças de Palma Bravos, transcrições e bagatelas são coisas do arsenal lá dele. Fazem parte dos seus métodos, embora tenha sido eu quem as foi buscar a parte nenhuma e lhas meti na bagagem que levou para a Gafeira.

Teremos, não digo que não, alguns gostos afins e desconfio que reacções paralelas em certas situações. O pavor do ridículo literário, para não ir mais longe — pois, o pavor e o apagamento voluntário com que ele se defende nas conversações com o *Delfim*, evitando «citar» a sua obra num quotidiano em que a literatura é considerada coisa marginal, afirmação de pretensiosos. Nisso, sim, sou como o meu personagem: mil vezes a prática da linguagem corrente e do assunto trivial a ir na conversa de discutir a Oeuvre própria ou as problemáticas duma arte tão humilhada como a nossa pelos lugares comuns da burguesia. Se daí fica uma impressão de superficialidade, paciência, que se lixe. Sempre me intrigaram os intelectuais que se comportam exterior-

mente como tal, penso logo que se escrevem a si mesmos com I maiúsculo, que são uma redundância. Verdade. Óculos inteligentes, reticências no olhar, perfis masturbados, altos silêncios, não me impressionam. Fazem-me antes duvidar como fariam, aposto, ao escritor-furão do romance.

Também *et pour cause* estou com ele quando diz que nenhum escritor gosta de falar da sua obra a não ser em momentos mesmo muito especiais (como este agora, em que me descobro a repensar um livro meu); e há mais, muitos mais pontos de encontro entre nós dois. Mas isso é curto para transformar um herói de romance em *alter ego* do autor e fazer dele um demiurgo. O seu a seu dono, insisto: nos tempos que vão

correndo, a escrita na primeira pessoa não tem forçosamente uma conjugação autobiográfica. Nem hoje, idade dos Henry Miller e dos Gombrowicz, nem ontem, século de ouro de Fernão Mendes Pinto. E com isto termino, desejando melhor sorte ao escritor-furão que deixei nas trezentas e tantas páginas da Gafeira do que aquela que lhe caberia se tivesse herdado todas as minhas fragilidades, dúvidas e malaventuras. As que ele tem já lhe bastam desde o momento em que o atirei para um romance onde «o personagem se vê enredado no argumento do próprio romance que pensa escrever» como disse Malcolm Lowry a propósito de outro livro.

(De um livro a publicar)

JORNAL DO FUNDADO

L I V R O S

R E V I S T A S

J O R N A I S